

A preocupante queda vacinal na infância

As memórias da infância, quando os pais mantinham o cartão de vacinação em dia, e as campanhas intensas promovidas pelos órgãos de saúde durante os anos de formação são alguns dos motivos que fazem com que pessoas de 30 a 40 anos se esforcem para tomar todas as vacinas disponíveis. Além do fato, claro, de elas terem tomado algumas das principais ainda na infância.

Para os mais velhos, as lembranças são um pouco mais negativas. Muitos chegaram a perder parentes e amigos para algumas das enfermidades posteriormente erradicadas, outros carregam no corpo as marcas dessas doenças. E isso também é um grande incentivo para manter a vacinação em dia — não somente a própria, mas a dos filhos e netos.

O presidente da Associação Brasileira de Pediatria, Renato Kfoury, corrobora a importância da memória daqueles que conviveram com essas doenças, que vivenciaram o medo do contágio e, hoje, se vacinam com frequência. “Agora, de cinco anos para cá, as taxas de cobertura vacinal decaíram muito e, obviamente, pioraram com a covid-19”, diz o médico.

O grande motivo dessa baixa também é o processo contrário: a falta de memória das pessoas com relação a essas doenças, de não saber como era conviver com elas. Dados da Secretaria de Saúde do Distrito Federal mostram um quadro da baixa vacinal infantil contra a poliomielite entre 2010 e 2023, na região, de mais de 20%, o que já pode resultar em cenários catastróficos. Em 2010, a cobertura chegou a 92% da população em idade para receber o imunizante. Este ano, o índice é de, em média, 70%.

Esse panorama pode acontecer com qualquer outra doença, pois as motivações da baixa procura pelos postos de vacinação são as mesmas. Renato Kfoury explica, ainda, que é preciso estar atento à homogeneidade

“Agora, de cinco anos para cá, as taxas de cobertura vacinal decaíram muito e, obviamente, pioraram com a covid-19”

Renato Kfoury, presidente da Associação Brasileira de Pediatria

e se dentro de uma mesma unidade federativa existem variações muito altas de números. Não adianta, por exemplo, toda a cidade administrativa de Planaltina vacinar, e o Plano Piloto não.

A região não vacinada vai contaminar a região vacinada. Por isso, falar da imunização de grupo é tão importante. Existem pessoas com condições físicas e de saúde que não podem tomar a vacina, e a única forma de proteção é se a população ao seu redor estiver imunizada.

CALENDÁRIO E CADERNETA

O Programa de Imunização Nacional disponibiliza 48 imunizantes — imunobiológicos especiais, soros, imunoglobulinas e as vacinas — distribuídos entre adultos, crianças, gestantes e idosos. Cada calendário possui suas especificidades, mas, de acordo com o Ministério da Saúde, 20 delas são ofertadas para todos os grupos. São elas:

1. BCG
2. Hepatite B
3. Penta
4. Pólio inativada
5. Pólio oral
6. Rotavírus
7. Pneumo 10
8. Meningo C
9. Febre amarela
10. Tríplice viral (sarampo, caxumba e rubéola)
11. Tetra viral (sarampo, caxumba e rubéola e varicela)
12. DTP
13. Hepatite A
14. Varicela
15. Difteria e tétano adulto (dT)
16. Meningocócica ACWY
17. HPV quadrivalente
18. DTPA
19. Influenza (está ofertada durante Campanha anual)
20. Pneumocócica 23-valente (Pneumo 23)

A caderneta de vacina comprova e mantém o controle de imunização. A falta do documento não impede, porém, a vacinação. Vale lembrar dos imunizantes para viajar, que têm suas especificidades, e manter a caderneta física por perto é uma boa opção nesse caso.